

TECENDO A REDE: MULHERES DO CAFÉ NA IWCA MANTIQUEIRA

FERNANDA JUNIA DORNELA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

MÔNICA CARVALHO ALVES CAPPELE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

TECENDO A REDE: MULHERES DO CAFÉ NA IWCA MANTIQUEIRA

INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado o celeiro mundial no que tange ao agronegócio, setor da economia nacional que vem sendo cada vez mais reconhecido pelos impactos positivos que gera. Entre os principais produtos agropecuários que possuem significativo valor estratégico na economia brasileira está o café, produto coparticipante do desenvolvimento do Brasil desde sua chegada no país, em 1727. Há mais de 150 anos o país é considerado o maior produtor mundial de café, além de ocupar a posição de maior exportador mundial do produto (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil, 2017). Minas Gerais é o estado que mais produz, cujas regiões de maior destaque são Sul de Minas Gerais e Região do Cerrado Mineiro (Associação Brasileira da Indústria do Café [ABIC], 2018).

Ao considerar a cadeia produtiva do café, é ainda considerada como predominantemente masculina, estando ausente o reconhecimento do trabalho de parcela significativa de mulheres (Ferreira *et al.*, 2017), o que remete a uma perspectiva histórica. Desde o período colonial na cultura da cana-de-açúcar e seguindo na cultura do café no Brasil República, as mulheres também contribuíam com seu trabalho, porém sem reconhecimento (Del Priore, 2007).

É importante reconhecer e afirmar que o sistema agroindustrial do café no Brasil envolve o trabalho de homens e mulheres, não devendo, assim, ser desconsiderada ou subestimada a participação delas (Lovatto, Cruz, Mauch & Bezerra, 2010). Suas contribuições ao longo da história são fundamentais, seja na formação de lavouras, nas colheitas, pós-colheitas, ou nas pesquisas, gestão em cooperativas, barismo e demais setores desse sistema no país (Macieira, 2017). Diante, portanto, das contribuições das mulheres na cafeicultura no Brasil e da ausência de reconhecimento da sua participação e de seu trabalho, torna-se importante estudar maneiras pelas quais essas mulheres buscam alcançar esse reconhecimento e se fortalecerem em suas atuações. Uma dessas maneiras são as redes formadas por mulheres. Redes podem ser compreendidas como sistemas constituídos de nós e conexões entre atores (pessoas, organizações ou até mesmo cidades) conectados por determinadas relações (amizades, relações econômicas etc (Balestrin & Vargas, 2004).

Kabeer, Milward e Sudarshan (2013) afirmam que as redes possibilitam às mulheres terem acesso a direitos e recursos, auxiliando, inclusive, na geração de pressões de base sobre as estruturas de poder vigentes. Por meio dessa participação, utilizando várias estratégias, elas são capazes de maximizar os recursos sociais e econômicos disponíveis, buscando atuação e mudanças das regras que orientam e restringem as relações de gêneros (Manzanera-Ruiz, Lizárraga & Mwaipopo, 2016). No Brasil, um exemplo relevante de rede de mulheres na cafeicultura é o capítulo da *International Women's Coffee Alliance* [IWCA]: Aliança Internacional das Mulheres do Café – Capítulo Brasil [IWCA Brasil], formado por mulheres envolvidas em toda cadeia do negócio do café, do grão à xícara (IWCA Brasil, 2018).

Os Capítulos da IWCA podem ser subdivididos em subcapítulos que atuam regionalmente com as mulheres participantes da cadeia produtiva do café. O Capítulo IWCA Brasil é subdividido em oito sub-capítulos: Norte Pioneiro do Paraná, Matas de Minas, Cerrado Mineiro, Chapada Diamantina, Mantiqueira, Campo das Vertentes, Espírito Santo e Rondônia (IWCA Brasil, 2018). O foco de estudo deste trabalho é o sub-capítulo da Mantiqueira, criado em 2015, representa uma rede de mulheres que atuam na cafeicultura na região Sul de Minas Gerais. Ela foi escolhida por envolver essa região, a maior produtora de café no referido estado, que, por sua vez, é o maior estado brasileiro produtor. Além disso, a escolha também se justifica pela ausência de pesquisas que abordem as mulheres do setor cafeeiro nessa rede.

Diante da relevância das redes formadas por mulheres no setor cafeeiro no que tange à busca por tornar visíveis e reconhecidos os trabalhos por elas desenvolvidos, e do fortalecimento de sua atuação na cadeia produtiva do café, este trabalho procura responder à

seguinte pergunta de pesquisa: Qual o perfil socioeconômico das mulheres que participam da IWCA Mantiqueira e quais são as motivações que as levaram a participarem dessa rede? Como objetivo, portanto, é proposto conhecer o perfil socioeconômico das mulheres que participam da IWCA Mantiqueira e as razões que as levaram a participarem dessa rede.

O desenvolvimento deste trabalho justifica-se de maneira teórica, social e prática. Quanto à justificativa teórica há uma lacuna nos estudos sobre mulheres na cafeicultura, participantes de redes formadas por mulheres na região do Sul de Minas Gerais. No e-book: “Mulheres dos Cafés no Brasil”, escrito por uma rede (virtual) de Mulheres do Café e publicado em 2017, sendo uma das primeiras e principais obras que buscou preencher a lacuna sobre quem são, quantas são e o que fazem as mulheres da cafeicultura no Brasil, nenhum dos seus 17 capítulos tiveram como participantes de pesquisa as mulheres da IWCA Mantiqueira. Logo, este trabalho poderá contribuir para o preenchimento dessa lacuna teórica.

No que tange à justificativa social, ao buscar conhecer o perfil socioeconômico das mulheres no setor cafeeiro que participam da IWCA Mantiqueira, esta pesquisa poderá contribuir para tornar reconhecida e valorizada a participação e o trabalho dessas mulheres na cafeicultura. Por fim, quanto à justificativa prática, há uma carência de dados oficiais sobre a situação e atuação das mulheres na cafeicultura, dificultando o trabalho de redes como a IWCA Brasil e demais entidades que buscam a equidade de gênero na cafeicultura brasileira (Menezes, 2015). Portanto, este estudo regional poderá também contribuir para a atuação dessas entidades e redes.

Para responder ao problema de pesquisa definido e alcançar o objetivo proposto, este trabalho está estruturado em cinco seções: a primeira consiste nesta introdução. A segunda seção engloba o quadro teórico para melhor compreensão sobre a participação de mulheres no agronegócio e as redes formadas por mulheres. Posteriormente, são descritos os procedimentos metodológicos, seguidos da apresentação e análise dos resultados. Por fim, está a seção de conclusão do estudo e recomendações.

AS MULHERES NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO: PATRIARCADO E INVISIBILIDADE

Nas últimas décadas as mulheres ampliaram seu espaço de atuação no mercado de trabalho, atuando em diferentes setores econômicos. Porém, essa inserção feminina não foi suficiente para reduzir as desigualdades de gênero existentes no que tange à divisão sexual do trabalho e às questões relacionadas à remuneração (Cielo, Wenningkamp, & Schmidt, 2014). Os papéis das mulheres no mercado de trabalho estão intrinsecamente vinculados à ocupação de cargos nos menores níveis hierárquicos das organizações, com baixo status e prestígio social (Andrade, Macedo & Oliveira, 2014). No que tange aos setores de ocupação, a inserção das mulheres no mercado de trabalho ocorreu com maior destaque em ambientes como domésticos; serviços sociais; saúde (técnicas e enfermeiras); e educação (professoras da pré-escola e ensino fundamental) (Ávila, 2013; Carmagos, Riani & Marinho, 2014; Daniel, 2011).

No setor do agronegócio, por exemplo, a inserção feminina aconteceu de maneira tímida, o que reforça a cultura econômica centrada no poder masculino. O viés de gênero presente nas definições dos postos de trabalho, nas políticas públicas e nas responsabilidades familiares fazem com que as mulheres enfrentem barreiras também no campo profissional. (Cielo *et al.*, 2014). Para Vidal (2011) há dois paradigmas que predominam e norteiam as análises associativas em estudos que abordam o trabalho feminino no agronegócio: a interdependência e a divisão subalterna. O primeiro paradigma está associado às sociedades rurais menos capitalizadas e que conservam seu caráter camponês, deixando transparecer a tradicionalidade de seus sistemas produtivos sustentados pela interdependência e complementaridade de trabalhos distintos realizados por homens e mulheres nas unidades. Quanto ao segundo paradigma, está baseado na divisão sexual do trabalho, compreendida como o controle do

homem, seja ele cônjuge ou não, sobre a capacidade da mulher, perpetuando o desigual acesso aos meios de produção.

Ainda que sejam diversos os desafios que as mulheres precisam enfrentar para seu reconhecimento no agronegócio, elas estão presentes em diversas atividades, como plantações, ordenha, máquinas agrícolas e rodadas de negócio. A atuação delas no campo, muitas vezes, coexiste com a sua participação em outros segmentos ao longo do sistema, atuam na produção, na comercialização e em cooperativas (Cielo *et al.*, 2014). A cafeicultura, um dos importantes campos do agronegócio brasileiro, é um exemplo desse contexto da presença feminina e dos desafios por elas enfrentados no que tange ao reconhecimento e à valorização da sua participação e trabalho.

Conforme afirmam Lovatto *et al.* (2010) é importante reconhecer que a cadeia produtiva do café do Brasil envolve tanto o trabalho de homens quanto de mulheres, não devendo, portanto, desconsiderar ou subestimar a atuação delas na cafeicultura brasileira. Em um resgate histórico sobre a organização do trabalho da economia cafeeira, no período 1850-1888, Mello (1978), menciona que a escravidão negra no Brasil foi a forma dominante de organização do trabalho durante o período colonial (1500-1822). Já no período imperial (1822-1829), o trabalho servil foi o modo predominante de organização do trabalho formado pelas províncias produtoras de café, onde as fazendas cafeeiras utilizavam, quase em sua totalidade, trabalhadores escravizados, até a abolição da escravatura. O trabalho no cultivo do café era feito pelos homens e as mulheres realizavam o trabalho doméstico.

Com a abolição da escravatura, que ocorreu durante a fase de ascendência do café na economia brasileira, as fazendas cafeeiras passaram a receber trabalhadores livres europeus, em sua maioria italianos (Mello, 1987). Com a modernização da agricultura houve uma série de mudanças significativas nas relações de trabalho, resultando em uma nova dinâmica no mercado de trabalho. Em meados do século XIX, com a implantação do trabalho livre na agricultura, o trabalho familiar passou a ser argumentado (Mesquista & Mendes, 2012), uma vez que as mulheres, antes limitadas apenas aos serviços domésticos, passaram a participar de outras atividades no campo, principalmente na colheita do café, possibilitando aos empresários uma redução significativa dos custos unitários de mão de obra (Melo & Di Sabbato, 2006).

Essa redução de custos pode ser explicada pela exploração do trabalho nas classes sociais e a exploração hierárquica dos homens sobre as mulheres, por meio da dominação, incorrendo em uma relação patriarcal, sustentada por ambos os sexos. Na agricultura esse patriarcado pode ser identificado ao se definir o chefe de família (Schmitz & Santos, 2013). Conforme Martins (1979) as mulheres foram inseridas na atividade cafeeira a partir do colonato, quando todos os membros da família trabalhavam em terras de fazendeiros em troca de moradia e subsistência. O pai, a figura patriarcal da família, era responsável pelo recebimento e administração do dinheiro recebido. As mulheres e crianças eram vistas somente como ajudantes, responsáveis por cuidados com plantações em terras que eram doadas para o sustento familiar e a realização de atividades domésticas.

Desde então, muitas coisas mudaram na sociedade, no entanto, na cafeicultura desenvolvida pela agricultura familiar, pouco passou por alterações. A subordinação das mulheres dentro da unidade familiar pode ser evidenciada por meio de sua caracterização como “ajuda” na esfera produtiva e à sua invisibilidade perante a sociedade (Brumer, 2004; Siliprandi, 2011). Além dos trabalhos “mais leves”, elas se responsabilizam sozinhas pelos trabalhos domésticos, muitas vezes acompanhadas das filhas, de maneira a transmitir a elas as “funções” de uma mulher dentro da unidade familiar, esfera na qual elas possuem autonomia e poder tomando decisões quanto ao preparo dos alimentos, o cuidado com a casa, roupa, educação dos filhos(as) e a utilização de recursos destinados ao consumo doméstico.

Woortmann e Woortmann (1997) ao discorrem sobre a agricultura familiar também enfatizam a questão das desigualdades de gênero. Segundo os autores, o chefe da família,

normalmente o pai, é o que detem condições ideais para participar de todo o processo de trabalho e, na sua ausência, o filho ou outro membro da família que não seja do sexo feminino, poderá assumir seu lugar. Como é considerado o chefe da família, o homem tem o poder na tomada de decisões referentes à unidade de produção. As mulheres, por sua vez, possuem dupla ou tripla jornada de trabalho que, na maioria das vezes, é invisível aos olhos da família e sociedade. Esse excesso de tarefas dificulta a participação das mulheres, por exemplo, em atividades relacionadas à formação profissional (Schmitz & Santos, 2013).

Em virtude desse contexto de desvalorização e invisibilidade do trabalho das mulheres no agronegócio e de maneira específica na cafeicultura, elas se unem, tornando-se elos de redes de mulheres, tal como a IWCA Mantiqueira. Com o intuito de compreender um pouco mais sobre essas redes, é apresentada a próxima seção deste trabalho.

ATUAÇÃO COLETIVA: REDES DE MULHERES

O termo rede não é novo e apresenta diferentes significados e aplicações, a depender do contexto em que é utilizado. Originalmente fazia referência a uma pequena armadilha para a captura de pássaros, construída por um conjunto de linhas entrelaçadas, cujos nós eram formados pelas intersecções das linhas (Marcon & Moinet, 2000). A partir do século XIX rede adquiriu um sentido mais abstrato, sendo utilizada para representar todo o conjunto de pontos com mútua comunicação.

Redes podem ser compreendidas como um conjunto de fluxos (recursos e informações), entre um conjunto de nós (indivíduos, grupos, organizações, sistemas de informação) (Fombrun, 1997), promovendo maior intensidade e interação dos atores sociais (nós) (Castells, 1999). No campo das ciências sociais o termo rede representa um conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente (Marcon & Moinet, 2000). Um elemento expressivo no estudo de formação de redes é a cooperação, cuja finalidade concentra-se em gerar benefícios que apenas os elementos participantes da rede possam usufruir, fortalecendo-os e tornando-os mais competitivos frente àqueles que não a integram. Assim, a cooperação é decorrente do desenvolvimento deliberado de relações entre agentes ou organizações autônomas para o alcance de objetivos individuais e coletivos (Balestrin & Verschoore, 2008).

Para Scherer-Warren (2006) as redes são multiformes e aproximam atores sociais diversificados – de níveis locais aos globais, de diferentes tipos de organizações –, possibilitando o diálogo da diversidade de interesses e valores, mediado por conflitos, encontro e/ou confronto de reivindicações. De acordo com Giddens (2012), as redes podem também surgir quando um propósito comum une diferentes atores, envolvendo-os em uma mesma ação. Desta forma, conforme ressalta o autor, as redes são estruturas compostas por pessoas ou organizações conectadas por um ou diversos tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Logo, tornar-se parte de uma rede pode proporcionar acesso a poderosos recursos sociais, políticos e profissionais.

No que tange às desigualdades de gênero, há associações organizadas em redes que têm mobilizado diversas pessoas a se integrarem neste tipo de estrutura organizacional (Castells, 1999). A ação coletiva de mulheres, e/ou formação e participação em redes, lhes possibilitam acessar direitos e recursos, auxiliando, inclusive, na geração de pressões de base sobre as estruturas de poder vigentes (Kabeer *et al.*, 2013). Por meio dessa participação, as mulheres, utilizando, de algumas estratégias, são capazes de maximizar os recursos sociais e econômicos disponíveis para elas, buscando atuação e mudanças nas regras que orientam e restringem as relações de gênero (Manzanera-Ruiz *et al.*, 2016).

No contexto Paquistão, a organização de mulheres em rede proporciona a elas o alcance de mais respeito, o desenvolvimento de suas capacidades de participar nas discussões e, principalmente, mudanças em suas relações com os homens (Weinberg, 2001). Na Irlanda, a participação em redes possibilitou às mulheres empreendedoras representatividade nos mesmos

níveis que os homens, bem como crescimento de seus negócios (Hamouda, Henry & Jhonston, 2003). No âmbito Israelense, as redes de mulheres permitiram acesso a recursos, contribuiu para o desempenho e apresentou-se como uma maneira pela qual elas recebem apoio moral para lidar com as questões de segregação profissional (Lerner, Brush & Hirish, 1997).

A dificuldade, por exemplo, de ascensão de mulheres a postos mais elevados nas hierarquias organizacionais tem mobilizado profissionais a exercerem ações coletivas em rede, estabelecidas em tentativa de transpor as barreiras existentes, reduzindo as desigualdades de gênero e, concomitantemente, ampliando as condições de equidade no mundo corporativo (Tonelli & Andreassi, 2013). Porém, não significa que a existência desse arranjo garantirá por si só uma profunda transformação das relações de gênero no ambiente de trabalho, mas o engajamento das pessoas em uma ação coletiva organizada em rede representa uma maneira de estabelecer a posição de seus membros em um contexto marcado por desigualdades (Brunstein & Jaime, 2009).

No Brasil, há algumas redes buscando compreender as desigualdades de gênero e propor agendas para sua superação. Sajonc, Coelho Júnior e Hein (2018) estudaram, por exemplo, duas redes, Alfa e Beta, formadas por mulheres. Essas redes se estruturam em torno da reivindicação da ampla representação de mulheres em postos de liderança nas empresas e a sua participação plena e efetiva nos processos decisórios relativos ao mundo empresarial. De acordo com os autores, as motivações para o envolvimento das mulheres nessas redes estão relacionadas a um propósito de vida, ao desejo de dar uma contribuição positiva a outras mulheres e à possibilidade de deixar algum legado. Soma-se também o interesse no desenvolvimento da própria carreira, relacionado à ampliação do capital social, como construção de *networking* e ampliação de horizontes.

Jonathan (2011), sobre mulheres empreendedoras, afirma que aquelas imersas em redes, desempenham um papel de modelo para outras mulheres, estimulando, por meio da aprendizagem, a criação de outras amplas redes de mulheres profissionais. Quanto às razões para o ingresso na rede, as mulheres empreendedoras participantes da pesquisa mencionam a busca por benefícios para suas empresas e por visibilidade e legitimidade. Na condução dos seus empreendimentos, as mulheres empreendedoras exercem uma liderança compartilhada, baseada em parcerias internas e externas. Assim, evidencia-se que, ao invés de exercerem o poder sobre os outros, elas exercem o poder com os outros (Jonathan, 2011). Todavia, é importante ressaltar que esse aspecto de exercer o poder com os outros e não sobre os outros em organizações em redes demanda uma análise cuidadosa, especificamente no contexto das mulheres.

Na maioria das discussões sobre redes, pressupõe-se que, em uma organização que atua nesta perspectiva, o poder é distribuído entre os nós que as compõem e, assim, os centros de poder são democratizados. Entretanto, Scherer-Warren (2006) afirma que isso não pode ser considerada uma verdade absoluta, visto que, mesmo nas redes existem laços mais fortes, que retêm maior poder e influência, principalmente, as decisões estratégicas, do que outros laços que também a compõem. Ainda sobre o cuidado de análise, Manzanera-Ruiz *et al.*, (2016), argumentam que, embora a formação de redes de mulheres tenha se tornado cada vez mais um modelo para lidar com as mudanças das relações domésticas, a formalização da ação coletiva junto com modelos institucionalmente prescritos, pode contribuir para a marginalização das mulheres pobres, devido a tarefas e outras barreiras impostas à sua participação.

Leal e Machado (2012) buscaram conhecer também, por meio da visão de empreendedoras, os efeitos de suas participações em uma rede de mulheres de negócios no Paraná. De acordo com as autoras, os principais motivos que levaram essas mulheres a se tornarem nós das redes estão relacionados com o início das atividades empresariais, a busca por benefícios para suas empresas e por legitimidade e visibilidade. No campo do agronegócio, especificamente na cafeicultura, cuja participação das mulheres foi discutida na seção anterior

deste trabalho, Manzanera – Ruiz *et al.* (2016) analisaram a ação coletiva de mulheres no comércio do café no norte da Tânzania. De acordo com os autores, apenas um pequeno número de mulheres realmente se envolve nas ações coletivas da rede de comércio de café devido às funções atribuídas a elas por suas famílias e comunidade, e aquelas que estão envolvidas sofrem significativa marginalização em suas casas.

Embora a inserção na rede não seja suficiente para efetuar mudanças bruscas nas relações de gênero ou para satisfazer alguns interesses das participantes, como segurança financeira e maior partilha de tarefas na divisão sexual do trabalho, já representa um caminho importante, possibilitando às participantes maior acesso a recursos e um pouco mais de autonomia e reconhecimento do seu trabalho (Manzanera-Ruiz *et al.*, 2016).

No Brasil, especificamente na cafeicultura, há uma rede, a IWCA Brasil, subdividida em outras redes, como a IWCA Mantiqueira, foco de análise neste estudo, formada por mulheres envolvidas em toda cadeia produtiva do café, que visa fortalecer a atuação delas na cafeicultura, bem como tornar seu trabalho reconhecido e valorizado (IWCA BRASIL, 2018). A IWCA Mantiqueira está localizada na região Sul de Minas Gerais, maior região produtora de café no estado de Minas Gerais. A produção cafeeira se destaca na referida região, é considerada como uma característica da identidade do local, sobretudo da agricultura familiar (Silveira & Marques, 2008). O cultivo de café nessa região iniciou-se em 1835 e o envolvimento com ele tem sobrevivido às gerações de agricultores, fazendo parte do aparato cultural dos mais velhos que transmitem aos mais jovens o conhecimento e gosto pela atividade. Como se trata de uma atividade de intensiva dinâmica de trabalho e técnicas que envolvem os produtores em todas as épocas do ano, traz dinamismo à vida diária dos envolvidos (Souza & Freitas, 2015).

Quanto à participação das mulheres na cafeicultura da região do Sul de Minas Gerais, Leite (2015) aponta que, no caso da agricultura familiar, na maioria dos casos, são os maridos que negociam, vendem e administram o dinheiro proveniente do café. Isso se deve ao fato das esposas ainda não serem consideradas como trabalhadoras de valor monetário como um trabalhador contratado é.

A rede de mulheres IWCA Mantiqueira, atualmente composta por cerca de 100 mulheres, foi criada e formalizada com a assinatura da Carta de Entendimento no dia 12 de dezembro de 2015, na sede da Associação dos Produtores do Alto da Serra [APAS], localizada no distrito de Ferreiras, município de São Gonçalo do Sapucaí – Minas Gerais (IWCA Brasil, 2018). Com o intuito de conhecer as participantes que formam essa rede, a IWCA Mantiqueira, buscou-se traçar um perfil socioeconômico e identificar os motivos que as levaram a participar dessa rede. Para tanto, a seção a seguir descreve como esta pesquisa foi realizada.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo teórico-empírico, classificado quanto aos objetivos como descritivo, definido por Andrade (2004) como a pesquisa em que os fatos são observados, registrados e analisados, classificados e interpretados. Sobre a abordagem, esta pesquisa apresenta caráter qualitativo e quantitativo. De acordo com Triviños (1987), a pesquisa qualitativa e quantitativa não se opõe, pelo contrário, elas podem e devem ser consideradas e utilizadas como complementares. Dessa forma, é proposto um estudo quantitativo para traçar o perfil socioeconômico das mulheres que participam da IWCA Mantiqueira, e um estudo qualitativo para identificar e analisar os motivos que as levaram a participarem dessa rede.

Participaram da pesquisa um total de 87 mulheres da IWCA Mantiqueira, codificadas de P01 a P87. Tanto para a fase quantitativa quanto qualitativa foi aplicado um único questionário, adaptado de uma pesquisa realizada em 2016 pela rede (virtual) Mulheres do Café para a elaboração de alguns capítulos do livro “Mulheres dos Cafés no Brasil”, sendo escolhido por possibilitar responder ao problema de pesquisa aqui proposto. Os questionários foram distribuídos a cada uma das cerca de 100 participantes da rede, entre outubro de 2018 e janeiro

de 2019, obtendo retorno de 87 delas. O questionário utilizado foi composto por 34 perguntas, sendo as fechadas sobre questões socioeconômicas e demográficas das respondentes (utilizadas na fase quantitativa) e as abertas sobre participação delas na IWCA Mantiqueira (utilizadas na fase qualitativa).

Os dados coletados na fase quantitativa foram tabulados e analisados por meio da estatística descritiva, presumindo distribuição de frequência e sua apresentação em forma de gráficos ou tabelas, a depender da melhor visualização dos dados, ambos construídos por meio do *software* Microsoft Excel, ilustrando os aspectos relacionados ao perfil socioeconômico das participantes desta pesquisa. A estatística descritiva engloba um conjunto de técnicas que se pode aplicar a um conjunto de dados para ordená-los, classificá-los e diferenciá-los, de modo a descrever um fenômeno (Morais, 2005).

O material reunido na fase qualitativa foi analisado por meio da análise temática de conteúdo proposta por Minayo (2007), que se desdobra nas etapas de pré-análise (compreende a leitura flutuante, constituição do corpus de pesquisa e reformulação dos pressupostos), exploração do material (o pesquisador busca encontrar categorias significativas em função das quais o conteúdo do material será reunido) e a interpretação (o pesquisador propõe inferências e realiza interpretações, relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou utiliza novas dimensões teóricas e interpretativas que sejam sugeridas pela leitura do matéria). Cabe, portanto, ressaltar que as categorias de análise na fase qualitativa foram definidas a posteriori. A seguir são apresentados e analisados os resultados encontrados por meio desta pesquisa.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Perfil socioeconômico das participantes da rede IWCA Mantiqueira

A primeira variável a ser analisada é a idade das participantes. A idade mínima observada entre elas é de 19 anos, com apenas uma participante (1,15%) e a idade máxima 75 anos, também com apenas uma respondente (1,15%). A maioria das participantes tem entre 31 a 40 anos (45,98%), seguidas pelas mulheres com a faixa etária entre 19 a 30 anos (18,39%); 41 a 50 anos (16,9%); 51 anos a 60 anos (13,79%); e de 61 a 75 anos (5,75%).

Quanto à cor, segunda variável de análise, quatro participantes não responderam, logo, das 83 respondentes, a maioria se autodenominou branca (71,26%), seguidas daquelas que consideram-se pardas (19,54%), amarelas (3,44%) e uma participante que afirmou ser negra (1,15%). A baixa participação de mulheres negras traz algumas reflexões acerca das dificuldades encontradas por essas mulheres, visto que elas são duplamente caracterizadas como seres inferiores: por sua condição feminina e racial (Hooks, 1995). Dornela e Medeiros (2018) realizaram uma pesquisa com as trabalhadoras rurais na cafeicultura da Região do Cerrado Mineiro buscando analisar como as relações de gênero se manifestavam nas narrativas dessas mulheres e, entre os resultados encontrados, as autoras destacam também a baixa participação de mulheres negras e a dupla discriminação que elas enfrentam.

Em relação ao estado civil, duas participantes não responderam. Das 85 respostas, 72 mulheres são casadas (82,75%), seguidas de outras oito que afirmaram ser solteiras (9,19%). Duas participantes são divorciadas (2,29%), uma separada (1,14%), uma em união estável (1,14%) e outra que é viúva (1,14%). O fato de a maioria das participantes serem casadas, leva a refletir sobre a afirmação de Leite (2015) sobre a participação das mulheres na cafeicultura da região Sul de Minas Gerais. Segundo o autor, na maioria dos casos, quando elas são casadas, são os homens que atuam na negociação, venda e administração do dinheiro proveniente do café, situação resultante de um passado histórico e de uma atividade (a cafeicultura) ainda considerada como masculina e patriarcal (Mello, 1978; Schmitz & Santos, 2013). Quanto a ser mãe, outra variável de análise, sete mulheres não responderam (8,04%) e outras 15 afirmaram não ser (17,24%). As outras 65 respondentes tem entre um e cinco filhos (74,71%).

Sobre o nível de escolaridade, três participantes não responderam e uma delas afirmou não ser alfabetizada. Nenhuma possui pós-graduação (mestrado, doutorado, pós-doutorado). O nível de escolaridade mais alto entre elas é o ensino superior completo, com 13 respondentes. Cinco participantes afirmaram não ter concluído o ensino superior, 23 mulheres têm ensino médio completo, seis não concluíram o ensino médio, 14 possuem o ensino fundamental completo, 17 o ensino fundamental incompleto, e outras cinco não completaram o ensino técnico.

Todas as participantes da rede IWCA Mantiqueira estão envolvidas na cadeia produtiva do café (IWCA Brasil, 2018), entretanto, muitas exercem concomitantemente atividades não relacionadas à cafeicultura, que podem representar a principal atividade econômica dessas mulheres, como o caso de três respondentes (3,44%). Uma colocou como principal atividade econômica “comerciante e funcionária pública”, outra “empresária, empreendedora e administração” e, por fim, uma terceira que além da cafeicultura menciona “professora de educação básica”. As outras 81 respondentes relacionaram sua principal atividade econômica apenas com a cafeicultura (93,10%). Três participantes não responderam a esta questão (3,44%).

Quanto à renda familiar mensal, outra variável de análise, seis não concederam essa informação, logo, das outras 81 respondentes, apenas uma tem renda mensal menor do que um salário mínimo, equivalente à R\$954,00. A maioria, 46 delas, tem uma renda mensal entre dois e cinco salários mínimos, seguida de 25 com renda familiar mensal de um salário mínimo. Cinco respondentes ganham entre seis e dez salários mínimos por mês, e quatro mais do que dez salários mínimos. Sobre a área de atuação das 87 participantes, duas não informaram (2,29%), 76 apontaram somente a produção de café (88,5%), outras cinco apontaram a produção de café mais alguma(s) destas áreas da cafeicultura (5,74%): insumos; indústria e/ou processamento; logística; mercado/comércio; publicidade; e ensino, extensão e pesquisa. Três respondentes mencionaram apenas a área de insumos para café (3,44%), e, uma as atividades de insumos e logística (1,14%).

No que tange ao tamanho das propriedades rurais das respondentes desta pesquisa, 17 não disponibilizaram essa informação (19,54%). A maioria, 52 respondentes, possuem chácaras (59,77%), seguida de 13 participantes que possuem sítios (14,94%) e cinco mulheres que têm fazendas (5,74%), o que corrobora a afirmação de Souza e Freitas (2015) sobre a região Sul de Minas Gerais ser uma atividade em predomina pequenos e médios produtores. Foi questionado, também, às participantes da pesquisa quantas pessoas de suas famílias atuam na cultura do café. Oito delas não responderam a essa questão (9,19%), uma apontou que nenhuma pessoa (1,14%), 19 afirmaram que toda família é atuante (21,83%), o que pode ser relacionado à afirmação de Silveira e Marques (2008) sobre a produção cafeeira na região Sul de Minas Gerais ser considerada uma característica da identidade do local, sobretudo da agricultura familiar. As outras 59 respondentes mencionaram ter entre 1 e 10 pessoas de suas famílias que atuam na cafeicultura (67,81%).

Ainda com relação à propriedade, duas mulheres afirmaram não ter chácara/sítio/fazenda (2,29%), a maioria, 44 respondentes, apontam ser proprietárias (50,57%), seguida por 23 participantes que mencionaram a chácara/sítio/fazenda como sendo de seus companheiros/esposos (26,43%). Cinco afirmaram que receberam a propriedade de herança (5,74%) e outras cinco que a chácara/sítio/fazenda é arrendada (5,74%). Nesta questão, sete mulheres não responderam. Nessa variável percebe-se algo bastante relevante, isto é, a maioria das mulheres afirmarem-se como proprietárias da fazenda.

Sobre a administração da propriedade, as participantes indicaram como é a divisão do seu tempo entre a chácara/sítio/fazenda, os afazeres domésticos e/ou outra atividade remunerada. 23 mulheres dedicam todo seu tempo à chácara/sítio/fazenda (26,4%), mas a maioria delas, 45, conciliam seu tempo entre a chácara/sítio/fazenda e os afazeres domésticos

(51,7%). Outras 12 respondentes dedicam parte do seu tempo à chácara/sítio/fazenda, e parte a outro trabalho remunerado (13,7%). Uma participante dedica-se à chácara/sítio/fazenda, a outro trabalho remunerado e aos afazeres domésticos (1,14%). Por fim, uma não dedica seu tempo à chácara/sítio/fazenda (1,14%) e cinco não forneceram essa informação (5,74%).

Após traçar este perfil socioeconômico das mulheres que compõem a rede IWCA Mantiqueira, é importante buscar entender quais motivos levaram essas mulheres a formarem essa rede. As respostas das 87 participantes desta pesquisa que participam da rede podem ser agrupadas em torno de duas categorias: “A busca por reconhecimento, visibilidade e valorização: união de mulheres por meio da rede IWCA Mantiqueira”; e “O que as motiva? Conhecimento, aprendizagem e um café de qualidade”, discutidas nas próximas duas seções.

A busca por reconhecimento, visibilidade e valorização: união de mulheres por meio da rede IWCA Mantiqueira

No Quadro 01 estão sintetizadas as respostas das entrevistadas cujas motivações mais recorrentes para participar da rede IWCA Mantiqueira foram: reconhecimento, visibilidade e valorização. Esses três substantivos, somados ao termo respeito, estão entre os mais utilizados pelas mulheres quando são questionadas sobre o que ainda falta em suas vidas, sendo válidas tanto para os aspectos pessoais e sociais, quanto do trabalho, apontando para o fato de ainda prevalecerem as desigualdades de gêneros (Lopes, 2013).

Quadro 01: **Tecendo a rede por meio da busca por reconhecimento, visibilidade e valorização.**

Participantes	Motivações	Palavras-chave
P03	“Sonho de ter um maior reconhecimento [...]” (grifos nossos)	reconhecimento
P09	“Nós mulheres fortes e guerreiras que se dedicam à produção de café, devemos nos unir para conquistarmos o reconhecimento de nosso valor. ” (grifos nossos)	reconhecimento
P31	“A visibilidade. ” (grifo nosso)	visibilidade
P36	“Pela visibilidade [...]” (grifo nosso)	visibilidade
P46	“[...] sermos reconhecidas no mundo do café. ” (grifos nossos)	reconhecimento
P52	“A visibilidade [...]” (grifo nosso)	visibilidade
P55	“ Valorização do meu trabalho. ” (grifos nossos)	valorização
P57	“O meu principal motivo foi para encontrar pessoas que valorizassem nosso trabalho [...]” (grifos nossos)	valorização
P87	“O meu motivo é encontrar pessoas que valorize nosso trabalho com o café. ” (grifos nossos)	valorização

Fonte: Dados da Pesquisa (2018, 2019).

Os motivos apontados por P03, P09, P31, P36, P46, P52, P55, P57 e P87 que as levaram a participarem da rede de mulheres IWCA Mantiqueira corroboram a afirmação de Castells (1999) sobre as desigualdades de gênero mobilizarem pessoas a se integrarem às redes, uma vez que podem contribuir para o maior reconhecimento da sua presença e valorização do seu trabalho.

Essa busca por reconhecimento, valorização e visibilidade pode estar relacionada aos diversos desafios que as mulheres precisam enfrentar na cafeicultura, uma vez que seu trabalho é desvalorizado e sua presença invisibilizada (Lovatto *et al.*, 2010). No contexto das trabalhadoras rurais na cafeicultura da Região do Cerrado Mineiro, Dornela e Medeiros (2018) analisaram, por meio das narrativas das entrevistadas, seus ambientes de trabalho e apontaram que, embora algumas trabalhadoras afirmem não haver preconceito onde trabalham e que são respeitadas, através da Análise Crítica do Discurso foi possível interpretar que há preconceito e ausência de respeito, mas, que muitos são manifestados de maneira velada, o que leva as entrevistadas a acreditarem e adotarem práticas discursivas sobre serem valorizadas e reconhecidas tanto quanto os homens são.

Outro aspecto a ser ressaltado é que, além da desvalorização e ausência de reconhecimento, as mulheres pouco participam da tomada de decisões, principalmente no que tange à esfera pública. De acordo com Woortmann e Woortmann (1997) o chefe da família, normalmente o homem, é aquele que tem condições ideais para participar de todo o processo de trabalho e, na sua ausência, o filho ou outro membro da família que não seja do sexo feminino, poderá assumir o seu lugar.

Como é considerado o chefe da família, o homem é visto como aquele que detém o poder na tomada de decisões referentes à unidade de produção, seu trabalho é valorizado e o da mulheres considerado apenas uma ajuda, assim como afirmou Macedo e Binsztok (2007), Leite (2015) ao discorrer sobre a cafeicultura na região Sul de Minas Gerais, Mesquita e Mendes (2012) e Siliprandi (2011), e pode ser corroborado pelo motivo que levou P82 a ser tornar um elo da rede da IWCA Mantiqueira: “[...] poder **ajudar mais meu marido na produção** [...]” (grifos nossos). A formação em redes representa a aproximação de atores sociais, neste caso mulheres, diversificados, possibilitando o diálogo da diversidade de interesses e valores (Scherer- Warren, 2006). A união entre elas é também ressaltada por algumas entrevistadas como um dos motivos para participarem da IWCA Mantiqueira, conforme mostrado no Quadro 02.

Quadro 02: Tecendo a rede por meio da união de elos.

Participantes	Motivações	Expressões-chave
P01	“Por ser uma associação de mulheres com o objetivo de melhorar a produção de café.” (grifos nossos)	associação de mulheres
P12	“As propostas de conhecimento e de união das mulheres. ” (grifos nossos)	união de mulheres
P19	“A força de vontade e por ser mulheres a frente do negócio. ” (grifos nossos)	negócio formado por mulheres
P22	“[...] acredito que a união faz a força , então quero ser um elo a mais nessa corrente. ” (grifos nossos)	união faz a força
P34	“[...] poder trocar experiências com outras mulheres. ” (grifos nossos)	troca de experiências entre mulheres
P68	“A parceria entre as mulheres vem a agregar a todas [...].” (grifos nossos)	parceria entre mulheres
P69	“Um ponto forte é a interação de mulheres. ” (grifos nossos)	interação entre mulheres
P84	“[...] me unir a mulheres do café para juntas conseguirmos novas oportunidades [...]” (grifos nossos)	união de mulheres

Fonte: Dados da Pesquisa (2018,2019).

É importante lembrar que a existência desse arranjo, a união entre mulheres neste caso, não garantirá por si só uma profunda transformação das relações de gênero no ambiente de trabalho, mas o engajamento delas em uma ação coletiva organizada em rede representa uma maneira de estabelecer a posição de seus membros em um contexto marcado por desigualdades (Brunstein & Jaime, 2009; Manzanera-Ruiz *et al.*, 2016).

Sajonc *et al.* (2018) apontam que principais motivações para o envolvimento das mulheres nessas redes, conforme seu estudo, estão relacionadas a um propósito de vida, ao desejo de dar uma contribuição positiva à outras mulheres e à possibilidade de deixar algum legado. Nesta pesquisa, essa contribuição positiva a outras mulheres torna-se perceptível por meio da importância dada à união, interação/integração, parceria e troca de experiências entre elas. Essa mesma contribuição é também ressaltada por P52 “[...] poder **ajudar as outras meninas do campo.**” (grifos nossos). Jonathan (2011) também destaca esse aspecto ao afirmar que as mulheres empreendedoras imersas em redes desempenham um papel de modelo para outras mulheres, estimulando-as por meio da aprendizagem.

Quanto ao propósito de vida, apontado por Sajonc *et al.* (2018) como motivação para participar de uma rede de mulheres, neste trabalho é mencionado por P40: “Entre porque através da associação via a **possibilidade de atingir meus objetivos de melhoria de vida**”. (grifos nossos) e P45: “O **futuro dos meus filhos**” (grifos nossos). Diante das análises realizadas nota-se que nesta categoria os nós/elos que vão sendo inseridos na construção da rede IWCA Mantiqueira os são, principalmente, pela busca de reconhecimento, valorização e visibilidade, tanto da participação como do trabalho desempenhado pelas mulheres na cafeicultura da região Sul de Minas Gerais. Além disso, destaca-se também como motivações a relevância da união, interação e troca de experiências entre os nós dessa rede que está sendo tecida.

O que as motiva? Conhecimento, aprendizagem e um café de qualidade

Nesta categoria estão presentes as respostas mais recorrentes das entrevistadas quanto aos motivos que as levaram a participar da rede IWCA Mantiqueira. Embora elas tenham ressaltado, conforme evidenciado na categoria anterior, motivações relacionadas diretamente às questões de gênero, o que esteve mais presente nas respostas das participantes desta pesquisa foi relacionado à cadeia produtiva do café, como vender melhor o produto, torná-lo mais reconhecido no mercado, melhorar a qualidade dos grãos e outros, conforme apresentado no Quadro 03.

Essas motivações relacionadas à produção e comercialização do café apresentam, também, ligação com questões de gênero. Segundo Cielo *et al.* (2014) no agronegócio a inserção feminina acontece de maneira tímida, o que reforça uma cultura econômica centrada no poder masculino. O viés de gênero presente nas definições dos postos de trabalho nessa área, nas políticas públicas e nas responsabilidades familiares fazem com que as mulheres enfrentem barreiras no campo profissional. (Cielo *et al.*, 2014). Mas, além das questões gênero, as motivações também se relacionam com a sustentabilidade do negócio, a sobrevivência da família, nos casos da agricultura familiar ou de subsistência, e o aumento da rentabilidade.

Quadro 03: Tecendo a rede por meio da busca por melhoria na produção e comercialização do café.

Participantes	Motivações	Palavras-chave
P08	“Procurar melhorar a qualidade do nosso café. Vender melhor nosso café.” (grifos nossos)	qualidade e venda
P11	“[...] produzir cafés de mais qualidade , através de cursos e treinamentos.” (grifos nossos)	qualidade
P18	“Esperança de vender melhor o café e também de que meu café seja conhecido e reconhecido .” (grifos nossos)	venda e reconhecimento do produto
P23	“ Melhorar as formas de cultivar e cuidar e vender o café com melhor preço e qualidade .” (grifos nossos)	produção, qualidade e venda
P24	“[...] melhorar a produção do meu café .” (grifos nossos)	produção
P25	“Melhorar a visibilidade do meu produto [...] conseguir vender melhor .” (grifos nossos)	visibilidade do produto e venda
P26	“Para melhor divulgar os meus produtos e agregar valor ao café .” (grifos nossos)	divulgação
P33	“[...] novas oportunidades para o comércio do café . Valorizar mais meu produto .” (grifos nossos)	valorização e comercialização do produto
P48	“ Vender melhor o café .” (grifos nossos)	venda
P49	“ Valorização do meu produto .” (grifos nossos)	valorização do produto
P56	“Foi para valorizar a comercialização do nosso café .” (grifos nossos)	valorização do produto

Participantes	Motivações	Palavras-chave
P58	“Vender um café melhor e dar mais qualidade ao nosso café.”(grifos nossos)	venda e qualidade
P59	“Porque procuramos mais valorização no café que produzimos.”(grifos nossos)	valorização do produto
P78	[...] encontrar mais mercado para os meus cafés.” (grifos nossos)	mercado
P79	“Adquirir maiores possibilidades de comercialização do meu produto.” (grifos nossos)	comercialização

Fonte: Dados da Pesquisa (2018, 2019).

Os motivos apresentados corroboram a afirmação de Leal e Machado (2012) sobre as principais razões que levam as mulheres a se tornarem elos das redes estarem relacionados à busca por benefícios para seus negócios. Corrobora também com o estudo de Kabeer *et al.* (2013) ao mencionarem que as mulheres são levadas a participar de redes por lhes possibilitarem acesso à recursos, trazendo benefícios para a empresa. Sobre alguns benefícios que o acesso à rede IWCA Mantiqueira possibilitou às participantes dessa pesquisa, ressalta-se alguns como: acesso à informações do que está acontecendo no mercado de café (P60); orientações quanto a melhor negociar o café (P64); ampliação das possibilidades de negócios (P66); e parcerias com empresas do ramo da cafeicultura, auxiliando na comercialização do café (P79).

Por meio da sua participação nas redes, essas mulheres são capazes de maximizar os recursos sociais e econômicos disponíveis para elas, buscando o fortalecimento da sua atuação na cafeicultura da região Sul de Minas Gerais. Pode-se interpretar, portanto, que as mulheres participantes desta pesquisa possivelmente compreendem a rede IWCA Mantiqueira como um meio de acessar esses recursos e, assim, fortalecerem sua atuação na cafeicultura e fortalecerem também seus negócios. Logo, é de fundamental importância que a rede siga sendo tecida, com a incorporação de novos elos e fortalecimento das linhas de ligação entre eles, de maneira a beneficiar-lhes.

Tão importante quanto estes recursos é o conhecimento e a aprendizagem. Schmitz e Santos (2013) destacaram que as mulheres, por terem uma dupla ou tripla jornada de trabalho, o que na maioria das vezes é invisível aos olhos da família e sociedade, dificulta a participação delas, por exemplo, em atividades relacionadas à formação profissional. No caso das mulheres participantes desta pesquisa que são elos da rede IWCA Mantiqueira, foi identificado que a maioria delas tem uma dupla ou tripla jornada de trabalho e um dos aspectos ressaltados por elas como motivação para fazer parte da rede é obter conhecimento, conforme mostrado no Quadro 04, cuja ausência pode estar relacionada à essa dificuldade de participação em atividades ligadas à formação profissional.

Quadro 04: Motivações a participar da rede IWCA Mantiqueira

Participantes	Motivações	Palavras-chave
P07	“Aprendizado, cooperação [...]” (grifos nossos)	Aprendizagem
P08	“Buscar mais conhecimento para o café.” (grifos nossos).	Conhecimento
P11	“[...] aprender cada vez mais.” (grifo nosso)	Aprendizagem
P32	“Buscar mais parcerias e conhecimento.” (grifos nossos)	Conhecimento
P39	“Para aprender mais.” (grifos nossos)	Aprendizagem
P41	“Para adquirir novos conhecimentos e parceiros.” (grifos nossos)	Conhecimento
P54	“Foi para ter mais conhecimento.” (grifos nossos)	Conhecimento
P60	“Adquirir conhecimentos e me especializar na área da cultura cafeeira [...]” (grifos nossos)	conhecimento e especialização
P74	“[...] vontade de sempre querer aprender mais, para a produção de cafés de qualidade.” (grifos nossos)	Aprendizagem

Fonte: Dados da Pesquisa (2018, 2019).

Soma-se ao interesse de adquirir conhecimento e aprender, os aspectos apontados por P07, P32 e P41, relacionadas à ampliação do capital social: “cooperação”, “parcerias” e “parceiros”, que podem estar vinculados à construção de *networking* e ampliação de horizontes, apontados por Sajonc *et al.* (2018) como razões que levam as mulheres a participarem de redes.

Especificamente sobre a cooperação, mencionada por P07, é um elemento considerado por Balestrin e Verschoore (2008) como expressivo no estudo de formação de redes, cuja finalidade concentra-se em gerar benefícios que apenas os elementos participantes da rede possam usufruir, fortalecendo-os e tornando-os mais competitivos frente àqueles que não integram a rede.

Por meio das análises realizadas nesta categoria quanto às motivações que levaram as respondentes desta pesquisa a participarem da rede IWCA Mantiqueira, interpretou-se a preocupação com a produção e venda do café por elas produzidos e/ou comercializados, além do interesse em buscar conhecimento e aprender sobre a cafeicultura como predominantes. É importante ressaltar que essas motivações podem estar relacionadas com questões de gênero, e a rede, que está sendo tecida por elas, pode ser compreendida como um meio de fortalecerem sua atuação na cafeicultura.

CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi conhecer o perfil socioeconômico das mulheres que participam da IWCA Mantiqueira e as razões que as levaram a participarem dessa rede que está em construção. A partir das análises realizadas, é possível afirmar que a IWCA Mantiqueira está sendo tecida com diferentes elos, bem como os motivos que levam esses elos a serem incorporados na rede são diversificados. E, embora exista essa diversidade, é possível destacar alguns aspectos comuns às respostas das participantes desta pesquisa quanto a esses dois aspectos.

No que tange ao perfil socioeconômico, das 87 mulheres que formam a rede IWCA Mantiqueira e participaram da pesquisa, é possível afirmar que a maioria tem entre 31 e 40 anos de idade, autoidentifica-se como branca, é casada, e mãe. Cursou o ensino médio completo, e tem como principal atividade econômica apenas o cultivo do café, em chácaras, das quais se declara proprietária, e com uma renda mensal entre dois e cinco salários mínimos. Sobre o futuro, parcela significativa das mulheres respondentes querem continuar com suas propriedades rurais. A produção de café é a área de atuação na cafeicultura que mais se destaca. Sobre a administração da fazenda, ressalta-se a dupla jornada de trabalho, com a conciliação do tempo entre à chacara/sítio/fazenda e os afazeres domésticos.

Referente aos motivos que levaram as participantes desta pesquisa a tornarem-se elos da rede IWCA Mantiqueira, destacam-se o reconhecimento e valorização da sua presença e seu trabalho na cafeicultura, ainda ausentes no contexto da cafeicultura brasileira, remetendo a um passado histórico e social construído desde o período colonial, sendo a cafeicultura vista como uma atividade considerada masculina e patriarcal.

É também destacado como motivação para tornar-se elo da rede a união, associação e interação entre mulheres, permitindo a aprendizagem e troca de experiências entre elas. A aprendizagem, o conhecimento, a produção e comercialização do café foram também outras razões recorrentes nos apontamentos das participantes. Elas buscam o fortalecimento da sua atuação na cafeicultura e também do negócio, produzindo e/ou vendendo um café de qualidade que seja valorizado e reconhecido no mercado.

É possível, portanto, afirmar que, tal como defendem Manzanera-Ruiz *et al.* (2016) e Kabeer *et al.* (2013), a ação coletiva de mulheres, e/ou formação e participação em redes, lhes possibilitam acessar direitos e recursos sociais e econômicos, auxiliando, inclusive, na geração de pressões de base sobre as estruturas de poder vigentes, buscando atuação e mudanças nas

regras que orientam e restringem as relações de gênero. Logo, a IWCA Mantiqueira é uma importante rede para as mulheres inseridas na cafeicultura da região Sul de Minas Gerais, que está sendo tecida e oferece aos seus elos acesso à informação, capacitação, além da união, valorização pessoal, autoreflexão e conscientização das mulheres quanto à sua capacidade.

Como contribuições, esta pesquisa auxilia no preenchimento da lacuna nos estudos sobre mulheres na cafeicultura participantes de redes formadas por mulheres na região do Sul de Minas Gerais, sendo o primeiro a abordar esta temática considerando essas especificidades. Socialmente, ao conhecer o perfil socioeconômico das mulheres no setor cafeeiro que participam da IWCA Mantiqueira, este estudo contribui para tornar reconhecida e valorizada a participação e o trabalho dessas mulheres na cafeicultura. Além disso, há uma carência de dados oficiais sobre a situação e atuação das mulheres na cafeicultura, o que dificulta o trabalho de redes como a IWCA e demais entidades que buscam a equidade de gênero na cafeicultura brasileira (Menezes, 2015). Portanto, este estudo regional pode contribuir para a atuação dessas entidades e redes.

Quanto às limitações da realização deste estudo, ressalta-se os poucos trabalhos sobre redes de mulheres para consulta e incorporação nesse trabalho, bem como a abordagem de apenas uma rede e a não participação de todas as mulheres que são os elos da rede IWCA Mantiqueira. Assim, são sugeridos como estudos futuros a abrangência de outras redes, como a IWCA Cerrado Mineiro, formada por mulheres da cadeia produtiva do café da Região do Cerrado Mineiro, que é a segunda maior produtora de café de Minas Gerais, possibilitando, assim, uma comparação entre as redes IWCA nas duas regiões que mais produzem café no referido estado. Sugere-se também um estudo complementar a este, que aborde os benefícios proporcionados pela rede IWCA Mantiqueira aos seus elos.

REFERÊNCIAS

Ávila, M. B. M. A dinâmica do trabalho produtivo e reprodutivo: uma contradição viva no cotidiano das mulheres (2013). In Venturi, G., & Godinho, T. (Orgs.). *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu, Abramo.

Andrade, M. M. (2004). *Pesquisa Científica: como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*. In Andrade, M. M. São Paulo: Atlas.

Andrade, L. F. S., Macedo, A. S., Oliveira, M. L. S. A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos grupos de pesquisa de Administração (2014). *Revista de Administração Mackenzie*, 15 (16), 48-75,

Associação Brasileira da Indústria do Café (2018). *O café brasileiro na atualidade*. Recuperado em 17 setembro, 2018, de <http://abic.com.br/cafe-com/historia/>.

Associação Internacional das Mulheres do Café – Capítulo Brasil (2018). *IWCA BRASIL*. Recuperado em 17 setembro, 2018, de <http://www.iwcabrasil.com.br/iwca>.

Balestrin, A., & Vargas, L. M. (2004). A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. *Revista de Administração Contemporânea*, pp.203-227.

Balestrin, A. & Verschoore, J. R. (2008). *Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia*. Porto Alegre: Bookman.

Brunstein, J., & Jaime, P. (2009). Da estratégia individual à ação coletiva: grupos de suporte e gênero no contexto da gestão da diversidade. *RAE- eletrônica*, 8(2), 1-33.

Camargos, M. C. S.; Riani, J. L. R.; & Marinho, K. R. L. (2014). Mercado de Trabalho e Gênero: uma análise das desigualdades em Minas Gerais. *Pretexto*, 15 (2), 41-57.

Castells, M. (1999). *A era da informação: economia, sociedade e cultura – a sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

Cielo, I. D., Wenningkamp, K. R., & Schmidt, C. M. (2014). A participação feminina no agronegócio: o caso da Coopavel – Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. *Revista Capital Científico – Eletrônica*, 12 (1), 2-19.

Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (2017). *Relatório Mensal: abril 2017*.

Daniel, C. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho (2011). *O Social em Questão* (25/26), 323-344.

Del Priore, M. (2007). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP.

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.

Dornela, F. J., & Medeiros, C. R. O. (2018). *Narrativas de trabalhadoras rurais na cafeicultura da Região do Cerrado Mineiro: explorando as fissuras do colonialismo*. Dissertação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Ferreira, W. P. M., Ferreira, S. M. N. F. R., Fonseca, H. P., Miranda, T. V., Dias, C. R. G., & Gobeth, N. (2017). Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil. In Arzabe, C., Macieira, J. C., Menezes, R. S. S., Baliza, D. P., & Mourão, T. F. (Eds.). *Mulheres dos cafés no Brasil*. Brasília: Embrapa.

Fombrun, C. J. (1997). Strategies for network Research in organizations. *Academy of Management Review*, 7, 280-291.

Giddens, A. (2012). *Sociologia*. Porto Alegre: Penso.

Hamouda, A., Henry, C., & Johnston, K. (2003, November). The role of networking in the creation and development of women-led businesses: a study of female entrepreneurs in Ireland. In *26th ISBA National Small Firms Policy and Research Conference*.

Hooks, B. (1995). *Feminist Theory: from margin to center*. Boston: South and Press.

International Women's Coffee Alliance (2018). *The IWCA Platform: What We do*. Recuperado em 25 outubro, 2018, de <https://www.womenincoffee.org/what-we-do/>.

Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23(1).

Leal, E. B. B. L., & Machado, H. V. (2012). Efeitos da participação de empreendedoras em associações de mulheres de negócios no estado do Paraná. *Redes*, 17(1), 217-231.

Lerner, M., Brush, C., & Hisrich, R. (1997). Israeli women entrepreneurs: An examination of factors affecting performance. *Journal of business venturing*, 12(4), 315-339.

Lopes, I. (2013). O caminho da invisibilidade ao empoderamento feminino. In Venturi, G., Godinho, T. (Orgs.). *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu, Abramo.

Lovatto, P., Cruz, P. P., Mauch, C. R., & Bezerra, A. A. (2010, maio/agosto). Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. *Redes*, 15, 191-212.

Macedo, G. R., & Binsztok, J. (2007). Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas. *Revista Nera*, 10.

Macieira, J. C. (2017). Prefácio. In Arzabe, C., Macieira, J. C., Menezes, R. S. S., Baliza, & D. P., Mourão, T. F. (Eds.). *Mulheres dos cafés no Brasil* (pp. 279). Brasília: Embrapa.

Manzanera – Ruiz, R., Lizárraga, C., Mwaipopo, R. (2016). Gender Inequality, Processes of Adaptation, and female Local Initiatives in Cash Crop Production in Northern Tanzania. *Rural Sociology*, 81 (2), 143-171.

Marcon, M.; Moinet, N. (2000). *La stratégie-réseau*. Paris: Éditions Zéro Heure.

Martins, S. (1979). *O cativo da terra*. São Paulo.

Melo, H. P., & Di Sabbato, A. Mulheres rurais: invisíveis e mal remuneradas (2006). In Ministério de Desenvolvimento Agrário. *Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

- Mello, P. C. (1987) Aspectos econômicos da organização do trabalho da economia cafeeira do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Economia*, 1.
- Menezes, R. S. S. (2015). A sustentabilidade da cafeicultura nas mãos das mulheres. *Anais da Conferência Women in the world of coffee – Fostering the quiet revolution*, Trieste, Itália.
- Mesquita, L. A. P., & Mendes, E. P. P. (2012). Mulheres na agricultura familiar: a comunidade de Rancharia. *Anais do Encontro de Geografia Agrária*, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC.
- Morais, C. (2005). *Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística*.
- Sajonc, R. C., Coelho Júnior, P. J., & Hein, A. S. (2018). Redes e equidade de gênero no mundo empresarial: um estudo exploratório de duas experiências lideradas por mulheres executivas. *Anais do XXI Seminários em Administração*, USP, São Paulo.
- Scherer-Warren, I. (2006). Das mobilizações às de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, 21(1), 109-130.
- Schmitz, A. M., & Santos, R. A. (2013). A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, Florianópolis.
- Siliprandi, E. (2011). Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. *Pensamiento Iberoamericano*, (9).
- Silveira, M.A., & Marques, P.E.M. Desenvolvimento territorial e multifuncionalidade da cafeicultura familiar no Sul de Minas Gerais. (2008). In Cazella, A. A., Bonnal, P., & Maluf, R. S. (orgs). *Agricultura Familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 229-250.
- Souza, C. A. S., & Freitas, R. C. S. (2015). Família, terra e trabalho: modos de vida nos cafezais de montanha do Sul de Minas Gerais. *Serviço Social em Revista*, 18(1), 64-80.
- Tonelli, M. J., & Andreassi, T. (2013). Mulheres Empreendedoras. *GV Executivo*, 12 (1), 50-53.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciencias sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Vidal, D. L. Diversidade tipológica de maneja rural feminino no semiárido brasileiro (2011). *Revista Archivos de Zootecnia*, 60(232), 1149-1160.
- Kabeer, N., & Milward, K., Sudarshan, R (2013). Organising women workers in the informal economy. *Gender & Development*, 21 (8), 249-263.
- Weinberger, K. (2001). What role does bargaining power play in participation of women? A case study of rural Pakistan. *The journal of Entrepreneurship*, 10(2), 209-221.
- Woortmann, K.; & Woortmann, E. F. (1997). *O trabalho da Terra*. Brasília.